A Polaca

Marcus Vinicius Ferreira Lins

Prefácio do autor

Escrever tornou-se uma prática paralela aos momentos criativos quando desenho, pinto, poetizo, fotografo ou, ainda, viajo de motocicleta registrando-as em filmagens e respectivas publicações.

Nesse caminho escrevi o romance *"Entre Vinhos e Parreirais", "Gecos e Arganazes - Contos"*, e, agora, venho apresentar a comédia dramática *"A Polaca".*

Então, para alguém que disponha de tempo para envolver-se com a estória, mostrarei um pequeno povoado denominado Volta do Uva, situado às margens do Rio Uruguai, no Alto Uruguai gaúcho; região Sul do Brasil de onde surgirão, praticamente todos os personagens.

Primeiramente Nelvo Koltz, maléfico comerciante do povoado, a polaca Mila e o amigo Damião Ronaldo. Imbuído de uma paixão doentia pela adolescente, a perseguiu incessantemente, chegando a impor aos pais entrega-la como sua amásia, tendo para esse propósito construído um agradável recanto para acolhe-la, denominando-o "Recanto de Mila".

Para escapar desse assédio a jovem conseguiu, juntamente com o rapaz, fugir do povoado ajudados por um padre e por um futebolista que os acudiram não apenas nessa fuga mas também a galgarem o caminho da fama, ela como modelo e ele jogador de futebol.

Jamais desistindo do intento em tê-la a seu lado, esse senhor de meia-idade, ao saber que a jovem e seus pais o haviam enganado, deu-se à sua perseguição, percorrendo para o mister localidades desconhecidas para ele como São Paulo e alguns países europeus, até que foi assassinado na Espanha.

Procedeu-se, então, ao julgamento da modelo Mila Kalinowski, conforme consta no Prólogo, como sendo um dos suspeitos desse assassinato, assim como outros personagens quais sejam a esposa Judith Koltz e seu amante Romeu Biffe, Arlindo Jucá, prefeito de Caratiba (cidade próxima ao povoado), o jogador Damião Ronaldo e o religioso Plínio Lúcio.

Foi dada especial atenção ao grotesco, e muitas vezes agradável Nelvo Koltz, proporcionando uma dramaturgia muitas vezes exagerada em suas atitudes, quer como amante quer como sanguinário malfeitor.

Portanto, teremos esse astuto alemão em muitos colóquios amorosos, em inusitadas atitudes e viagens interessantes.

Importante desempenho exerce a esposa Judith Koltz, também comerciante no povoado e, muito ligada a ela aparece Lola Brígida, uma criança levada, filha da mestiça Belinha, empregada do estabelecimento; uma menininha negra de olhos azuis.

Mostramos o viver de pessoas que emergem rapidamente à fama e fortuna como representadas pela modelo Mila e pelo jogador Damião Ronaldo, através dos quais tentamos mostrar todo um vazio advindo desses

enriquecimentos; que tudo, é um correr atrás do vento; que a felicidade deveria estar nas coisas simples, em ser feliz com pouco.

Mostramos, ainda, personagens interessantes, às vezes cômicos como Antônio Mamede, único amigo de Nelvo e que o acompanhou em toda sua trajetória. Também são importantes o padre Plínio, que deixando a batina passou a ser pastor, tornando-se rico mediante a comercialização da fé, e um político com contas na suíça como muitos, oriundas de propinas.

Na indústria da moda, descrevem-se mecanismos que levam uma modelo à fama e bons empresários são retratados como Túlio Hostílio, Inlauch Dal Pizol e esposa Tereza, estes iniciando tanto a modelo como o jogador em suas respectivas carreiras.

Outros figurantes interessantes aparecem: Testarona, Giuliano Caglione, Giacomo Cumelosso, Jean-Louis, Dorothéia Baú, Justo Ronaldo e o goleiro Lazarel.

Deixá-los-ei à curiosidade dos leitores.

Qualquer identificação com os personagens será mera coincidência.

Até a próxima...

Marcus Vinicius Ferreira Lins
22 de agosto de 2018
Balneário Camboriú - SC

A polaca



Prólogo

Mila Kalinowski!
Considera-se culpada por esse crime do qual está sendo acusada?

- Não!

Foi a resposta dada à inquisição feita por um juiz, em seu julgamento num tribunal de Madri, pela famosa modelo de 24 anos, acusada de haver assassinado Nelvo Koltz, comerciante brasileiro; um apaixonado que a assediava desde o momento em que a conhecera, ainda menina, num povoado em que vivia no Brasil.

Diante dessa resposta, o juiz concitou os jurados a examinarem com imparcialidade a causa e proferissem decisão de conformidade com os ditames da justiça, passando então a interrogá-la sobre fatos, provas, e outras questões, com vistas à elucidação do crime, ocorrendo os debates pelos jurisprudentes das partes.

Sob juramento, com a colocação da mão sobre a Bíblia e orientações dos advogados, a ré subiu ao púlpito, dispondo do tempo que fosse necessário às suas alegações.

Antes de começar observou algumas pessoas presentes que deveriam testemunhar; dentre elas estavam Judith Koltz, mulher do falecido, o prefeito de Caratiba Arlindo Jucá, o pastor Plínio Lúcio, seu namorado Jean-Louis, o padrasto Merlo Kalinowski; o empresário Túlio Hostílio, o futebolístico Inlauch Dal Pizol, além do amigo de infância e jogador de futebol Damião Ronaldo.

A imprensa, fãs e curiosos encontravam-se no tribunal.

Então, sob nervosa apreciação iniciou seus argumentos, reportando-se a fatos ocorridos dez anos atrás, época em que iniciamos nossa estória.



Capítulo 1

Os primeiros raios solares lutavam para atravessar um denso nevoeiro que juntava-se às fumaças de chaminés das casas do povoado Volta do Uva, tentando impedir que se refletissem nas águas daquele grande rio que o margeava em seu curso acompanhando singular geografia; proporcionava, observando-se do alto daquela colina exuberante cenário colorido por pinheirais, plátanos, salgueiros e demais vegetações nativas.

Compunha o lugarejo, não mais que meia dúzia de casas; moradias que ofereciam aos habitantes o mínimo necessário para sua sobrevivência.

Quem desejasse chegar à cidade mais próxima deveria, obrigatoriamente, atravessar aquele rio através de uma balsa à disposição; bastante utilizada por colonos que comercializavam seus produtos, transportando-os em carroças.

Não muito distante dali, acompanhemos, numa dessas manhãs, em uma das casas do lugar, Merlo Kalinowski, colono de origem polonesa que convivia com Frida, uma viúva de descendência alemã, para quem haviam deixado, na porta de sua casa, acomodada em pequena caixa de papelão, uma criança, que acolhera mesmo vivendo em completa penúria.

Morrendo o marido, Frida mal conseguia manter-se; foi quando conheceu Merlo que propôs coabitasse com ele. Apesar de ainda jovem e Kalinowski já de meia-idade, sem nenhum atrativo físico, não encontrou outra opção senão aceitar sua proposta para morarem juntos. Entretanto, ela fazia uma única exigência; que adotasse e registrasse a criança em seu nome.

Foi o que aconteceu. E Mila Kalinowski já estava com quatorze anos denotando rara beleza para aquelas redondezas: Alta, magra, cabelos loiros muito finos, quase brancos, belos olhos verdes e um enigmático sorriso.

Vestindo como de costume surrado short, blusinha, botas de borracha e chapéu de palha a prender-lhe os cabelos, fazia seu serviço, indo até à pocilga para limpeza e alimentação dos porcos, cuidar das galinhas, recolher ovos e preparar almoço para os familiares que trabalhavam nas plantações.

Assim era seu dia a dia.

Havia inçado gramado verde em torno da casa onde um rapazinho, em troca de comida, ajudava nos serviços cuidando do pequeno potreiro, do paiol, de algumas ovelhas e de uma vaca. Cultivavam o necessário para a subsistência.

Damião Ronaldo era o nome do menino. Gostava de jogar futebol; não foram poucas às vezes em que fora flagrado chutando bolas improvisadas com meias velhas ou jogando com outros meninos, quando sobressaia-se com dribles e gols.

O casal o acolhia; afinal não havia necessidade de dinheiro para pagar-lhe os préstimos; para alimentá-lo bastaria adicionar algo mais à mesa.

Era filho de "*brasileiros*", expressão usada para pessoas que tinham origens caboclas. Mas era simpático e comportava-se bem, muito embora, vez por outra Mila o flagrasse observando-a pelas frestas das madeiras do paiol, enquanto fazia seu serviço.

Certa ocasião, Mila estava a perseguir uma galinha que havia fugido do galinheiro e entrado no galpão quando ele, para ajudá-la, rapidamente a pegou.

- Muito obrigada!

Demorando um pouco para soltar as mãos da penosa, arriscou olhá-la nos olhos, com um sorriso tímido.

- Não foi nada!

Naquele momento depararam, frente à casa, com Nelvo Koltz, homem de meia-idade e próspero comerciante do povoado. Era conhecido como sendo maligno, perigoso, e por assediar garotas na região, acobertado pelo prefeito do município além das autoridades policiais, mesmo sob denúncias de crimes e haver engravidado algumas.

Montando seu cavalo, bombacha, revólver, faca à cintura, chapéu e cabelos grisalhos, amedrontava a quem o confrontasse. Vendo a garota a querer entrar na casa, ainda montado no animal, perguntou-lhe, falando com enorme cigarro de palha no canto da boca, quase escondido pelo grande bigode embranquecido:

- Menina, olhe para mim!

Assustada, voltou-se timidamente para ele, sem encará-lo e mantendo-se calada.

- Onde está o Kalinowski? Perguntou-lhe asperamente.

- Está na lavoura...

- Ah! Está sozinha é?

Descendo do cavalo retirou o palheiro da boca procurando aproximar-se. Ao chegar mais perto, notou que vinha aparecendo uma carroça; reconheceu ser o padre Plínio Lúcio em suas visitas.

Damião, pressentindo as intenções do homem, predispôs-se a proteger a menina, caso fosse necessário. Vendo aproximar-se o religioso, resolveu não aparecer, pois sabia que sofreria alguma ameaça por parte do homem.

Chegando mais perto da casa o padre cumprimentou o comerciante, antevendo seus propósitos; rapidamente ele apeou seu alazão, comentando:

- Estava querendo falar com Kalinowski, mas como ele só estará em casa para o almoço não vou poder esperá-lo. Ficará para outra hora! E partiu rapidamente deixando a menina com o padre.

- Bom dia Mila!

- Bom dia frei Plínio!

- Está tudo bem com você?

- Sim! Minha mãe pediu para entregar-lhe sua oferta do mês.

- Ah! Que bom.

Ao passar para o padre um pacote com ovos, observou que Damião conversava animadamente com Plínio sobre futebol:

- Poderíamos formar um time nosso aqui na região... Sugeriu o padre.

- Com camisetas e chuteiras?

- Não, que é isso? Você está querendo demais.

Camisetas creio que conseguiríamos com Arlindo Jucá, referindo-se ao prefeito da cidade de Caratiba que iria candidatar-se à reeleição.

- Ah! Já seria bom...

Vendo que Mila ficara aguardando para despedir-se, pararam de conversar e o rapaz voltou aos afazeres.

- Muito obrigado! Vocês irão à missa nesse domingo? Perguntou o padre para Mila.

- Eu gostaria muito...

- Mas, por que não vão?

Sendo perto do meio-dia o casal de colonos retornou para o almoço, encontrando o padre ainda a conversar com a filha.

Cumprimentaram-no e seguiram até um tanque externo ao lado da moradia, que recebia água através de uma mangueira vinda da parte mais elevada do terreno. Lavando seus rostos e axilas, ele, para isso retirou e logo repôs sua camisa xadrez e ela, para melhor asseio descobriu os seios ainda rijos, para lavá-los, e com certa naturalidade, não dando conta que, naquele momento, o religioso desviara o olhar, voltando a conversar com a menina.

- Você escutou sobre o time que pretendemos formar? Perguntou para ela.

- Sim!

-Aquele garoto parece gostar de jogar futebol não?

- Pelo que tenho visto, sim.

O casal, já pronto para o almoço:

- Frida, me traz o chimarrão!

Propôs ao padre sentar-se para conversarem no pequenino terraço anexado à casa. Ele agradeceu pela gentileza e aguardou ser convidado, também para almoçar.

Como a água já estava fervida e o mate preparado, logo Frida retornou, orientando a jovem a colocar a comida na mesa: normalmente ovos fritos, um pouco de queijo e salame, além de verduras colhidas na horta cultivada perto do chiqueiro.

- Aqui está! E passou a cuia para o companheiro, após esvaziá-la.

Sentado com o padre nas únicas cadeiras existentes no terraço, segurando o recipiente, remexeu a bomba levando-a à boca:

- Muitas ofertas por essas bandas seu padre? Perguntou-lhe com um desdentado sorriso enquanto se escutava o chiado de haver terminado o chá. Limpando a baba deixada no bico da bomba passou a cuia para o religioso.

Mesmo hesitante, ele não teria outra opção senão aceitá-la, considerando como um relativo sacrifício a ser feito devido às peculiaridades encontradas em cada família que visitava.

Mal acabara a água na chaleira, a mulher chegou para avisa-los que o almoço estava pronto.

Kalinowski, antes de tomar assento à mesa, apanhou uma garrafa de pinga e encheu um vidro de geleia vazio, improvisado como copo.

- Se quiser um pouco seu padre, não faça cerimônia! Exclamou, indicando a garrafa de cachaça.

- Muito obrigado, vou tomar água mesmo.

À mesa, após reza feita pelo padre, os quatro sentiram-se bem servidos por uma cabeça de boi assada no fogão a lenha e pelos demais alimentos colocados juntamente com uma jarra de água com limão.

Terminada a refeição, quando as mulheres se retiraram para lavar a louça, o padre ainda demorou um pouco, na pretensão de convidar a família para a missa do domingo. Acompanhou o dono da casa, sentando-se novamente com ele na varanda.

- Agora um justo descanso não é seu Merlo? Vão trabalhar na parte da tarde?

Acendendo um palheiro, após a primeira tragada, o padre Plínio aguardou uma resposta, enquanto o observava fazendo careta, repuxando seu queixo comprido e mal barbeado.

O colono, fitando-o nos olhos, enquanto expirava fumaça por entre os espaços dos dentes extraídos e pelos amarelados ainda existentes, exclamou:

-Temos que forcejar né seu vigário!

Passando a segurar aquele cigarro de palha com uma mão e com a outra palitar os poucos dentes que lhe restavam, cuspia longe os resíduos de comida, enquanto continuava a conversa:

- Gostaria que fossem a missa no domingo. Já falei com Mila e ela manifestou vontade em ir.

Diante da pergunta, Merlo falou para a mulher aproximar-se deles:

- O padre está pedindo para irmos à missa no domingo...

- Até que gostaríamos seu padre, mas teríamos que fazer um vestido para Mila. A coitada cresceu demais, está sem roupas e não estamos em condições para isso, no momento.

A menina escutando a conversa, ansiava que resolvessem ir; desejava ver pessoas e uma boa oportunidade para isso seria a missa.

- Conseguindo essa roupa para ela, vocês irão?

Ao que Merlo respondeu:

- Não prometo ir; não acredito nesse negócio de religião. Mas, em todo caso...

Frida informou que iriam sim, se conseguisse roupa para a menina. Quanto a ela não teria problema, daria um jeito.

- Então verei como fazer para isso!

- Polaca, venha aqui que o padre já está indo. Pediu-lhe o padrasto.

Ela apareceu alegre pelo que ouvira e beijou as mãos do padre que despediu-se, prosseguindo em sua carroça e pensando em quem procurar para conseguir o que prometera.

Ele sentia pena daquela pobre menina. Não apenas pela trabalhosa tarefa que executava, mas, principalmente pela falta de estudos. Duas vezes por semana a ensinava a ler e escrever; mas não tinha mais tempo para isso.

No entanto alguma coisa já conseguira; que soubesse ler e escrever. Por era bastante inteligente e isso logo ocorreu.

Polaca; era como alguns mais íntimos apelidavam a bonita Mila, devido à origem do padrasto.



Capítulo 2

Era por volta das oito horas da manhã de um ensolarado domingo. Alguns cavalos amarrados frente à igreja, bem como carroças de fiéis para a missa, encontravam-se frente à igreja de Volta do Uva.

Padre Plínio Lúcio cumprimentava as poucas famílias que tomavam assento nos bancos de madeira da sala.

Após alguns cânticos e um sermão, iniciou rapidamente a santa eucaristia, procurando ser breve nesse ritual para não cansar os presentes.

Havendo conseguido junto à mulher do prefeito um tecido branco estampado de pequeninas flores, a mãe de Mila esmerou-se em confeccionar um bonito vestido para ela.

Nele seu porte esbelto chamou a atenção de todos; até do prefeito Arlindo Jucá que sacrificou-se em comparecer à missa com a esposa, mais no intuito de se propagar politicamente.

Uma garotada se juntava frente à paróquia, aguardando o fim da missa para conversar com o padre a respeito do time de futebol.

Faziam comentários ao ver Damião vidrar seu olhar em Mila, quando ela seguia com a família até a carroça. Apesar de serem da mesma idade ele aparentava ser mais novo, por ser franzino e ela bem mais alta.

- Que você está querendo, olhando assim para uma garota bonita como aquela, Damião?

- Por que vocês estão perguntando isso? Eu nem estava olhando para ela.

- Não!? Engane, que a gente gosta.

Outra criança acrescentou gritando:

- Damião gosta da Polaca!... Gosta da Polaca!

O padre, que a propósito abandonava tudo o que fazia para tratar de futebol; foi até eles explicando que estava consultando algumas pessoas sobre o que prometera.

- Garotada, acho que vamos conseguir formar nosso time! Apenas tem uma questão antes disso acontecer.

- O que quer dizer isso? Perguntou um dos meninos.

- Encontrei uma pessoa lá de Erexim que, casualmente, estava procurando por meninos que jogassem bem futebol, e ele se dispôs a fornecer o jogo de camisas; mas antes gostaria de vê-los jogando.

- Ah! Isso será moleza para nós seu padre. Exclamou um deles...

- Então, assim que me contatar avisarei vocês. Enquanto isso, procurem esses jovens que saibam jogar e possam estar presentes quando ele vier para vê-los.

- Pode deixar padre. Faremos isso com toda certeza.

Inlauch Dal Pizol era um senhor de aproximadamente quarenta anos que descobrira nova maneira de ganhar dinheiro, investindo em jovens talentos no futebol. Já havia experimentado alguns ganhos com garotos para jogar em um time de Erexim e esforçava-se nessa sua meta, vislumbrando avanços maiores, como colocar algum desses atletas em time europeu.

Numa segunda-feira ele conseguiu ir até o povoado de frei Plínio, comunicando que no próximo domingo já poderia reunir os rapazes para se apresentarem, fato que deixou o padre bastante empolgado.

Após aquela missa, quando os Kalinowski retornavam para casa, cruzaram com Nelvo Koltz montando seu pomposo cavalo quando, notando a menina muito elegante e bonita naquele vestido, retirou seu chapéu cumprimentando-os:

- Bom dia. Estão voltando da missa?

- Bom dia! Estamos sim.

E prosseguiram em seus trajetos.

Sabedor de que um ilustre visitante no povoado havia conversado exclusivamente com o padre, foi até ele para tomar conhecimento do que estava acontecendo; enfim, tudo que ocorria no lugar deveria ser do seu conhecimento. Todos tinham contas a saldar com ele em sua casa de comércio.

Frei Plínio ao ouvir seu nome sendo chamado aos gritos correu para atende-lo, ainda montado em seu alazão.

- Que aconteceu seu Nelvo?

- Gostaria de saber o que estava querendo aquele cidadão que veio aqui falar com você.

- Não é nada demais seu Koltz.

Explicou sobre a pretensa formação de um time de futebol no povoado e ao que se dispunha aquele senhor; que gostaria de mostrar os meninos jogando, especialmente Damião Ronaldo.

Ah! É isso!?

Sabendo que a menina dos Kalinowski estaria sozinha em casa naquela tarde, cavalgou rapidamente para lá, encontrando-a a conversar com Damião, e em alegre sorriso.

Ao vê-lo chegar espantaram-se os jovens, correndo ela para dentro de casa e o menino para o paiol.

Apeando do animal e amarrando-o chamou-os aos gritos:

- Quero os dois aqui já!

Amedrontada ela apareceu diante dele, quase chorando.

- E você seu moleque, venha já aqui!

Chegando até Damião, tomou de uma chibata que usava em seu cavalo e perguntando para ele:

- Que estavas a conversar com a menina seu *bosta*?

Apavorado tanto quanto Mila ele respondeu timidamente:

- Estávamos conversando seu Nelvo...

- Agora que está apreciado pelo padre por jogar futebol achou que podia namorar essa menina é, seu *safado*?

- Nada disso seu Nelvo; trabalho aqui e conversávamos sobre o meu serviço...

- Eu conheço você... Sua intenção; seu pirralho de *merda*! Ajoelhe-se aqui, agora!

A garota vendo aquilo desesperou-se, implorando:

- Não faça nada com ele... Por favor! Não fez nada demais.

Ficando mais irado com o suplicar da garota que tanto cobiçava, continuou:

- De joelhos, já! E retire essa sua camisa.

O moço obedeceu recebendo diversas chibatadas nas costas, chegando a sangrar, sob os olhares apavorados de Mila.

Ainda contorcendo-se em dores sofreu alguns pontapés, chegando a desmaiar.

- Isso é para vocês aprenderem respeito! E você também mocinha, não brinque comigo!

E partiu dali deixando a menina cuidando de Damião, lavando suas feridas enquanto ele continuava gemendo em dores, não conseguindo levantar-se.

Quase anoitecendo, retornando o casal das lavouras, se espantaram com aquele quadro. Logo levaram o garoto para uma cama, abismados com a agressão, sem motivo aparente, por parte do comerciante. Sabiam de sua fama de homem mau, mas não imaginavam chegasse a tal atrocidade.

Frida procurou consolar a filha, que não parava de chorar, demonstrando o pavor que sentira presenciando aquela cena.

- Meu Deus minha mãe! Aquele homem é um monstro!

- Sabemos disso minha menina. Agora acalme-se e vamos tomar um copo d'água com açúcar. Damião pode dormir aqui, cuidaremos dele.

Merlo, a sós com a mulher comentou sobre a situação:

- Que faremos Frida? Compramos tudo em nossa conta no armazém daquele homem. Se o denunciarmos para a polícia, sabemos que nada acontecerá e até perderemos o crédito com ele; como viveremos sem os mantimentos que nos fornece?

Diante da impotência que sentiam quanto à medida correta a ser tomada, desistiram e resolveram deixar a coisa do jeito que estava.

Notando a falta do rapaz o padre Plínio foi procurá-lo em casa dos pais que alegaram haver o mesmo levado uma surra...

- Ele deve ter aprontado alguma coisa ruim, para apanhar daquele jeito!

Afirmou seu Justo Ronaldo, pai do menino, com uma garrafa de cachaça ao lado e levando um copo à boca.

- Sente ai padre!

- Como ele está?

- O *desgraçado* nem está podendo andar. Está lá dentro, na cama; Maria está cuidando dele.

- Posso entrar para vê-lo?

- Fique à vontade seu padre.

Ao chegar perto do leito onde encontrava-se Damião o padre apavorou-se ao ver o estado físico em que ficara.

A mãe, choramingando reclamou para o religioso:

- Padre, veja o que aquele *demônio* fez com nosso filho!...

O menino vendo o amigo ali balbuciou:

- Padre!... Acho que não vou poder jogar.

Frei Plínio tentou acalmá-lo alegando que, talvez, pudesse recuperar-se até lá; mesmo sabendo ser impossível.

A notícia espalhou-se pelo povoado; inclusive autoridades de Caratiba ficaram sabendo. Entretanto, como sempre, nada foi feito, ficando o dito pelo não dito, e o malvado Koltz, gozando sua ampla liberdade e poderio, tornando-se ainda mais prepotente e usurpador.

Finalmente chegou o dia do *olheiro* Inlauch verificar os possíveis talentos em Volta do Uva.

Mais de dez crianças estavam presentes; Damião mal conseguindo caminhar, foi levado em carroça pelo padre até ao local.

Não seria essa sua única oportunidade, muitas haveriam pela frente; encorajava o religioso.

Encontravam-se, além do padre que acompanhava o rapaz, tendo uma tipoia a sustentar-lhe um dos braços e enfaixado até a altura do peito, o prefeito, o delegado de polícia, e Inlauch Dal Pizol.

Formados dois times com cinco jogadores de cada lado o jogo foi ajuizado para a meninada em um campo improvisado em meio a eucaliptos. Fizeram até alguns bancos para as pessoas observarem sentadas. Será apenas um jogo com dois tempos de meia hora cada um, com pais atuando como goleiros.

Dal Pizol sentou-se ao lado do padre e de Damião que gritava a cada passe mal feito ou falta de iniciativa dos jogadores.

- Mas é ruim! Por que não passa essa bola, seu lerdo!

Inlauch acompanhava cada berro do menino e percebeu que tinha, pelo menos noção de jogo. Gostaria de vê-lo jogar.

Terminada a partida, com refrigerantes e sanduiches para todos, os garotos saíram contentes dali sem querer saber de mais nada.

- Você gostou da apresentação deles? Perguntou Inlauch.

- Não! São todos meus amigos mas não sabem jogar. Até pensava que *Lorenzzo* e *Tico-Tico* fariam alguma coisa!

- E você, sabe jogar?

- Não posso dizer que sei mas se estivesse no campo teria feito bem melhor; disso tenho certeza.

- Como é seu nome?

- Damião Ronaldo.

- Então Damião, quando você estiver recuperado o padre Plínio me avisará e virei aqui para ver você jogar... está bem?

- Mesmo? O senhor fará isso?

- Prometo para você. Agora procure descansar.

- Muito obrigado doutor!

Padre Plínio ao despedir-se das pessoas, viu de longe, a observá-los, um homem a cavalo e logo reconheceu, pela pose, ser Nelvo Koltz.

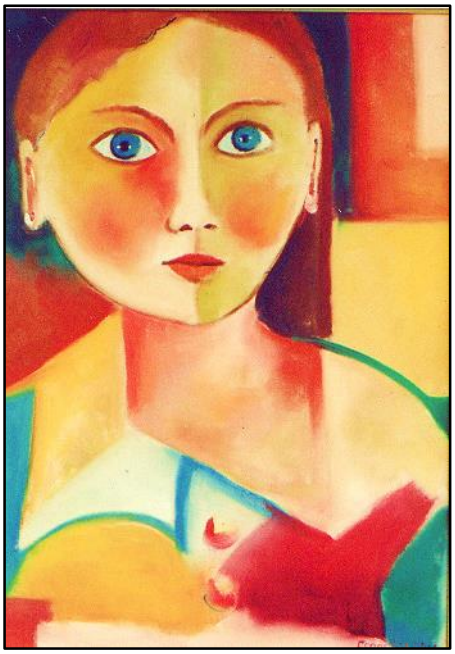
Saindo do lugar Dal Pizol orientou o padre para informá-lo quanto à recuperação do menino, pois pela sua intuição e conversa com ele, pressentiu que entendia de futebol; gostaria de vê-lo jogando.

- Pode deixar que farei isso! Enviarei um telegrama assim que estiver recuperado.

- Muito agradecido. Até mais ver!

- Até!

Mais alegre ao chegar em casa, Damião agradeceu ao padre pela atenção para com ele.



Capítulo 3

Saindo dali o prefeito ficou indignado ao ver a situação do rapaz; mesmo após tantos dias em que fora maltratado pelo maligno Koltz, ainda estava impossibilitado fisicamente. E começou a maquinar uma medida que pudesse resolver aquela situação.

Confrontar o homem, impossível! Induzir as autoridades a alguma medida contra ele, igualmente. Cogitou, então, uma maneira, entretanto não menos perversa que as utilizadas pelo comerciante; seria faze-lo desaparecer de cena. Apagar o homem!

Em nada a região ficaria prejudicada; pelo contrário, os negócios passariam para as mãos de sua mulher Judith e muitas famílias livrariam as filhinhas do desgraçado.

Decidido, resolveu ir até Nonoai, uma cidade perto de Erexim, para contratar uns bugres pistoleiros, para darem sumiço ao nocivo. Indicações sigilosas o levaram a dois indivíduos, aos quais expôs sua intenção.

O assunto foi tratado em uma casa isolada, numa zona de meretrício retirada da cidade.

Um deles perguntou como era o homem, querendo alguns detalhes físicos, quando Jucá, para facilitar seus questionamentos mostrou uma foto dele para um dos pistoleiros, conhecido como
Caolho.

Ganhara esse cognome após levar uma facada no rosto em uma briga, quando ficou cego de um dos olhos. Segurando a foto de Nelvo e aproximando-a do olho bom, comentou:

- Já estou com raiva desse *filho da puta*!

E a repassou para o companheiro que já o considerava um homem morto.

Ficando tudo acertado, Jucá pagou a metade do valor combinado, ficando o restante para ser saldado após constatada a realização do serviço; cobrou-se absoluto sigilo pelas partes.

- Pode deixar doutor! Somos profissionais quanto a isso; um *túmulo*! Adiantou um dos assassinos.

- Confio em vocês!

O que esse tipo de bandido mais teme é a alcaguetagem. Ocorrendo isso eram *apagados*, até mesmo por profissionais do ramo, para manterem a confiança dos clientes.

Passada não mais que uma semana, Nelvo, como de costume montou seu alazão para seus passeios pelas redondezas quando, ao atravessar uma estrada vicinal dentro de um matagal, uma corda esticada entre duas árvores o derrubou do cavalo ao tempo em que escutou tiros de revólveres em sua direção.

Rolando pelo chão, protegeu-se em uma saliência do terreno, já munido de seu facão, aguardando que houvesse alguma manifestação dos agressores. Protegido, então, por aquela sebe, espreitou algum sinal que manifestasse quem o estaria atacando. Foi quando, desse seu esconderijo, olhando para cima, viu uma mão empunhando um revolver. A pessoa não podia vê-lo, pois inteligentemente escondido, mantinha-se imóvel, aguardando a presa, como bom caçador que era.

Rapidamente lhe desferiu um golpe com o afiado facão, e com precisão tal que caíram à sua frente não apenas o revólver mas também a mão de quem o empunhava.

O homem ferido ficou, não apenas lhe faltando um olho, mas também uma das mãos e gritando em dores.

O comparsa chegou depressa para acudi-lo, quando recebeu certeiro tiro na testa disparado pelo fatal Nelvo, que aguardou, ainda camuflado, se não apareceriam outros.

Certificando-se serem apenas aqueles dois, perseguiu o caolho que tentava fugir segurando o braço maneta.

No entanto logo foi apanhado pelo experiente lutador, que lançou uma corda a seu ao pescoço prendendo-o em seu próprio cavalo e o arrastando para perto do comparsa morto.

- Me responda uma coisa, só uma; e, talvez eu o mate rápido? Quem contratou vocês?

- Vá para o inferno seu desgraçado!

- Ah! Mas você vai antes de mim. E cortou uma de suas orelhas.

- Não! Por favor. Gemia o homem.

- Vou picar você todinho. Enquanto encostava a ponta do facão sobre sua genitália.

Estava para cortar um dos pés do pistoleiro quando ele desmaiou. Preocupado que alguém aparecesse por ali naquele momento, o degolou com violento golpe.

Descobrindo que haviam amarrado seus cavalos a alguns metros do lugar onde esticaram a corda para que não revelassem suas presenças, amarrou os pedaços de seus corpos sobre os próprios animais, direcionando-os até o povoado, para que todos vissem e reconhecessem que com ele a coisa não era fácil.

Imediatamente o prefeito ficou sabendo do ocorrido e contratou algumas pessoas para que os enterrassem rapidamente.

Nelvo Koltz, entretanto, desfilava pelo povoado em seu cavalo, retirando o chapéu para cumprimentar as pessoas, com seu sorriso debochado.